

O DRAMATURGO E CONTISTA IVO BENDER

Henrique Lima Araujo

Mestrando em Letras na UFRGS

A crítica literária costuma guardar seus autores carinhosamente em caixinhas – poeta, romancista, contista –, de modo que é usualmente com um olhar ressabiado que enxerga aqueles nomes que saltam de um lugar a outro livremente. Quando o movimento atravessa os gêneros literários, então, dominar uma voz dentro de um estilo em diferentes formas torna-se um desafio. Muitas vezes, a crítica tem razão: os romances sentimentais de Nelson Rodrigues só mostram o quanto ele é um bom dramaturgo, enquanto as peças de teatro de Machado de Assis comprovam sua melhor qualidade como contista e romancista. Outras vezes nem tanto, e Chico Buarque talvez seja a melhor prova viva disso. Aqui nos pampas, outro nome, menos badalado, mas igualmente erudito, também fez jus à quebra dessas barreiras literárias: Ivo Bender. Conhecido pelo seu trabalho como dramaturgo, enveredou nos últimos anos para as narrativas curtas dos contos. E deu certo.

Gaúcho de São Leopoldo, nascido em 1936, Ivo Bender cursou Letras pela UFRGS ainda nos anos 1960, quando começou a escrever peças de teatro e encená-las nos palcos da capital gaúcha. Flertando com o teatro do absurdo e também com os textos políticos contrários ao regime militar, Bender foi duas vezes resistente: consolidou-se como dramaturgo, e isto representava escrever para um gênero minguante, mas simultaneamente da linha de frente da oposição; e criou seu nome e suas raízes em Porto Alegre, fora do centro cultural brasileiro, marcado pelo eixo Rio-São Paulo.

Seu teatro foi conhecido pela revisitação aos mitos gregos, ressignificados para a sociedade brasileira, em *Trilogia Perversa*. Além disso, trazia críticas contundentes ao conservadorismo da família patriarcal brasileira, como em *Quem matou meu Anabela?*, de 1972, um dos maiores sucessos de sua obra. Quando envelheceu, buscou o conforto das narrativas curtas para continuar sua obra – dizia que escrever contos era mais fácil do que escrever peças. Na ocasião de sua morte, em junho deste ano, deixou acabado seu último livro, *Rosa Noturna*, lançado e editado pela Movimento.

Com o livro em mãos, já percebemos que a dramaturgia influencia Ivo nessa última empreitada: com 80 páginas, e 8 contos, a finura do exemplar denuncia seu estilo conciso, característica herdada pelo teatro. Na maior parte dos contos, os detalhes são dispensados, assim como os adjetivos e advérbios, duas classes de palavras que não combinam com a ação teatral e de que Ivo abre mão em suas narrativas. A narrativa, com isso, flui rápida, e muitas cenas que poderiam render algumas páginas são resolvidas em poucas linhas, assemelhando-se a indicações cênicas.

O livro abre com o conto *Açougue Modelo*, no qual Bender revisita os crimes da rua do Arvoredo, ocorridos em meados dos anos 1860, na cidade de Porto Alegre. A história verídica trata de um casal que seduzia imigrantes alemães para matá-los e, com sua carne, fazer as linguças vendidas no açougue. Tal fato já foi revisitado por diversos autores gaúchos, entre eles Moacyr Scliar, em seu *Os Mistérios de Porto Alegre*. O movimento de Bender, nesse conto, é suspender a tensão entre o que o leitor provavelmente conheça com a criação ficcional. Mesmo sabendo do desfecho antes do final, o leitor desconfia que o contista pode mudar a história a qualquer momento.

Há certo silêncio que paira nas narrativas em geral de *Rosa Noturna*, permeadas por não-ditos, que constroem certo tom de mistério. Marcelo Adams, ator e especialista na obra de Bender, afirma que é o *tom geral* o que mais difere a sua produção narrativa da dramatúrgica: “se na dramaturgia de Ivo, há uma presença intensa do humor, do escracho eventual e da sátira em muitos de seus textos, quando parte para a

escrita de seus contos, o nosso autor permanece bem mais ‘sério’, trazendo com maior ênfase temas menos satíricos ou irreverentes”¹.

Três Noites, Gêmeos, Ao clarão da lua, e Casa Babel compõem o segundo bloco do livro, intertextual, no qual Bender retorna aos mitos bíblicos de Lilith, de Caim e Abel, e da Torre de Babel, trazendo tais personagens e situações para um mundo cotidiano e banal. Caim e Abel, por exemplo, são dois gêmeos órfãos de pai, que disputam a atenção da mãe, em um evidente complexo de Édipo. Quando Caim precisa se ausentar para servir no Exército, Abel se aproxima da mãe, mas, quando o irmão volta da capital com namorada, Abel também busca o amor dessa mulher, o que culmina no fratricídio. Já Lilith, em outro conto, aparece em uma noite de luar para curar da pneumonia um menino enfermo e reconstituir a paz à família. Esse tom fantástico que se sobressai em algumas histórias, também resquício de seu teatro de resistência, vale por si só a leitura, já que em nossa literatura são raros os exemplos de nomes que se aventuram por esse lado, como José J. Veiga e Murilo Rubião.

A narrativa mais longa é a que intitula o livro, *Rosa Noturna*, centralizada entre os demais contos e dividida em duas partes. Nela, o autor conta a história de Antônio R., um gaúcho de Porto Alegre que desembarca em Londres para conhecer o escritor Bram Stoker, de *Drácula*. Como Léa Masina observa no prefácio, Antônio é uma espécie de alter-ego do autor, que se impressionou, ainda em sua juventude, pela mesma leitura do vampiro. No conto, Antônio e Bram se aproximam e, juntos, começam a investigar o passado de um clã romeno, que impulsionaria o novo livro do escritor. A aventura estreita os laços de amizade e aproxima os dois homens de Elisa, a única herdeira viva de toda a riqueza, e quem fornece detalhes de sua família aos dois curiosos. Bram acaba se apaixonando por Elisa, e Antônio volta ao Brasil, com saudade da família. A segunda parte centra-se na história de amor de Elisa e Bram, findada quando o escritor decide voltar à Inglaterra.

É interessante pensar que há uma tensão homossexual no conto que em nenhum momento é mencionada, pois a aproximação de Antônio e Bram é tanta que, no

¹ Em entrevista para o autor. Sem publicação.

momento em que o escritor se apaixona pela nobre Elisa, o viajante perde o interesse pela aventura e decide voltar para casa. Além disso, não à toa *Rosa Noturna* intitula o livro, pois funciona como uma espécie de síntese de duas principais características de Ivo: a primeira, o tom misterioso e fantástico das narrativas; e a segunda, a permanência dos vínculos com sua terra natal. Mesmo quando decide investir em um país nada óbvio, como a Romênia, o autor começa o enredo por um porto-alegrense a pé carregando suas malas, descendo de um trem em uma estação europeia: literatura gaúcha e cosmopolita ao mesmo tempo.

Penúltimo conto do livro, *Dias de Mel* narra a história incestuosa de dois irmãos, Herta e Cristiano, que, órfãos de mãe e pai, e apaixonados um pelo outro, dormem na mesma cama, mas reprimem o desejo sexual mútuo. Quando Herta precisa casar, Cristiano sofre o ciúme e a solidão de quem ficou sozinho – o final do conto, o melhor em minha opinião, deixa anunciada a tragédia familiar quando Herta, lavando a louça, ouve um tiro vindo da casa do irmão, mas decide não dar importância, afirmando a si mesma que “não é nada”, e chama seu marido para o café da manhã.

Por fim, *Fim de Jornada* encerra a coletânea como uma homenagem a Emily Dickinson, uma das poetisas a quem Bender venerava e cujos poemas ele traduziu. Irônico o título, pois tal conto marca o fim da jornada literária de Bender, que aguardava a publicação do livro em ocasião de sua morte. Ao terminar, temos a certeza de que não só estamos diante do maior dramaturgo do Rio Grande do Sul: *Rosa Noturna* encerra a obra de um nome que não deve ser esquecido, não só como homem do teatro, mas como escritor que desafia as nomenclaturas tradicionais.